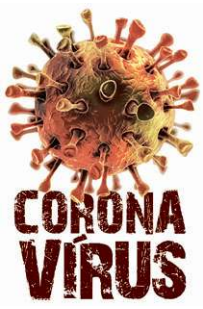


Nova cepa com alto número de mutações

Detectada na África do Sul, a B.1.1.529 tem ao menos 32 alterações na proteína spike — parte do vírus que é o foco das vacinas. Há casos de infectados também em Botsuana e Hong Kong. OMS deve avaliar o caso hoje



Uma nova variante do Sars-CoV-2 potencialmente mais contagiosa acaba de ser descoberta na África do Sul e pode estar ligada ao aumento dos casos de covid-19 registrado, nas últimas semanas, no país africano. Trata-se da B.1.1.529, que, aparentemente, parece ser mais incidente em jovens e tem um número “extremamente alto” de mutações, segundo o virologista Túlio de Oliveira, do instituto de pesquisa KRISP. As informações foram anunciadas pelo especialista, ontem, em uma coletiva de imprensa, que contou com a participação do Ministério da Saúde sul-africano. Hoje, membros da Organização Mundial da Saúde (OMS) devem se reunir para determinar a periculosidade da nova cepa.

O Instituto KRISP, vinculado à Universidade de Kwazulu-Natal, foi o responsável por descobrir, no ano passado, a variante beta, também na África do Sul. No momento, a equipe de cientistas não pode afirmar se a B.1.1.529 poderá causar algum impacto na eficácia das vacinas anticovid existentes, mas essa possibilidade não está descartada. “O que nos preocupa é que essa variante pode não só ter uma capacidade de transmissão aumentada, mas também ser capaz de contornar partes do nosso sistema imunológico”, afirma o professor Richard Lessell, especialista em doenças infecciosas da instituição de ensino sul-africana.

Segundo Túlio Oliveira, há ao menos 32 mutações na proteína spike da B.1.1.529 — justamente a estrutura que o vírus usa para infectar as células humanas e que é o foco de atuação das vacinas disponíveis. Em sua conta no Twitter, Tom Peacock, virologista

PHILL MAGAKOE



Monitoramento em Gauteng: 90% dos casos de infecção na província mais urbanizada do país podem ser pela nova cepa

O que nos preocupa é que essa variante pode não só ter uma capacidade de transmissão aumentada, mas também ser capaz de contornar partes do nosso sistema imunológico”

Richard Lessell, especialista em doenças infecciosas da Universidade de Kwazulu-Natal

do Imperial College London, escreveu que “perfil de pico de mutações horrível (devido à quantidade)” deve ser monitorado com rigor. Segundo ele, existe a possibilidade de esse excesso de alterações ser um “aglomerado estranho”, mas, de qualquer forma, há um cenário de “preocupação real”.

As mutações sofridas pelo vírus podem também, potencialmente, deixá-lo mais

transmissível a ponto de torná-lo dominante. Foi o que aconteceu com a variante delta, cujo primeiro caso foi registrado, em outubro de 2020, na Índia. No início deste mês, a OMS declarou que essa cepa é predominante no mundo e representa mais de 98% dos sequenciamentos de genoma do Sars-CoV-2. Além disso, a delta reduziu a eficácia das vacinas em termos de

Desafio do continente

O baixo percentual de pessoas que completaram o regime de imunização é um problema enfrentado em toda a África. No caso dos profissionais de saúde, apenas 27% estão nessa condição, estima a OMS. A situação “deixa sem proteção a maior parte do pessoal na linha de frente contra a pandemia”, acrescentou o escritório regional da OMS para a África em um comunicado divulgado ontem. No mesmo documento, a agência enfatiza que “uma alta cobertura vacinal do pessoal de saúde é essencial não apenas para a própria proteção, mas também para a proteção dos pacientes e para o funcionamento dos sistemas de saúde em momentos de extrema necessidade”. Segundo Matshidiso Moeti, diretor-regional da OMS para a África, 16 países da região têm menos de um profissional de saúde para cada 1.000 habitantes.

transmissão do vírus para 40%, estima o órgão.

À época, a líder técnica da resposta à pandemia da covid-19 da agência das Nações Unidas, Maria Van Kerkhove, alertou que o mundo estava “bem no meio da pandemia” e que, sem a adoção e o cumprimento de todas as medidas preventivas, o cenário poderia ser agravar. “Se focarmos apenas na vacinação, estaremos

permitindo que o vírus se espalhe e haja novas variantes”, justificou.

“Dados limitados”

Diretor executivo do Instituto Nacional de Doenças Transmissíveis (NICD) sul-africano, Adrian Puren avalia que “não é surpreendente” a detecção de uma nova variante em seu país. Porém, segundo ele, ainda não

há informações suficientes para avaliar o impacto dessa versão recente do Sars-CoV-2. “Embora os dados sejam limitados, nossos especialistas estão trabalhando horas extras com todos os sistemas de vigilância estabelecidos para entender a nova variante e quais podem ser as implicações potenciais”, informou.

Ontem, o NICD informou que haviam sido diagnosticados 22 casos de infecção com a nova cepa e que, com a conclusão de outros exames de diagnóstico e sequenciamento, a taxa deveria aumentar. “O número de casos detectados e a porcentagem de testes positivos estão aumentando rapidamente”, confirmou o instituto em um comunicado, sendo o cenário mais preocupante o da província mais populosa do país, Gauteng, que inclui Pretória e Joanesburgo. Estima-se que até 90% dos novos casos em Gauteng possam ser da B.1.1.529.

Rastreamento

Na mesma coletiva de imprensa, o ministro da Saúde, Joe Phaahla, admitiu que o surgimento dessa variante é, provavelmente, o motivo do aumento “exponencial” das infecções nas últimas semanas e considerou “uma boa notícia” o fato de a B.1.1.529 poder ser detectada por um teste PCR, o que, segundo ele, ajuda no rastreamento de sua disseminação. Phaahla enfatizou ainda que o fato de a cepa ter sido detectada pela primeira vez na África do Sul não significa que ela se originou lá. Também foram relatados casos de infectados na vizinha Botsuana e em Hong Kong.

Para o ministro, o surgimento da nova variante “reforça o fato de que esse inimigo invisível com o qual lidamos é muito imprevisível”. A África do Sul tem quase 2,9 milhões de casos e 89.600 mortes em razão da covid-19. Na última quarta-feira, foram registrados 1.200 novos casos de infecção em 24 horas — no início deste mês, o número era, em média, 100. Apenas 35% dos adultos que reúnem os requisitos necessários estão totalmente vacinados.

Envelhecimento das células de defesa

Os casos graves de covid-19 estão ligados a um processo de exaustão e envelhecimento do sistema de defesa humano. A constatação, feita por cientistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pode explicar duas complicações comuns em que teve a doença: as infecções secundárias, principalmente por bactérias, e as reinfecções pelo Sars-CoV-2. A equipe chegou à conclusão após analisar amostras retiradas de 22 pacientes internados com casos graves de covid-19 e material coletado de indivíduos saudáveis. Detalhes do trabalho foram divulgados na revista científica *Journal of Infectious Diseases*.

Segundo Alexandre Morrot, o coordenador do estudo, o fenômeno acomete os linfócitos T auxiliares, que funcionam como uma espécie de maestro do sistema imunológico. Em uma infecção, eles reconhecem as proteínas virais e ativam as células de defesa responsáveis por combater o micro-organismo

invasor e produzir anticorpos. Nas amostras dos pacientes com covid grave, detectou-se sinais de hiperatividade, exaustão e envelhecimento dessas células de defesa humana.

É como se o corpo entrasse em uma condição de imunodeficiência aguda, ilustra o pesquisador. Há, dessa forma, uma queda na imunidade que deixa os indivíduos mais vulneráveis para contrair outras infecções. “Observamos que os linfócitos T CD4 (auxiliares) estão em estágio final de diferenciação, apresentando marcadores de exaustão e senescência. São células que perdem a capacidade de expansão clonal, ou seja, não vão se multiplicar ao entrar em contato com as proteínas virais e não vão conseguir comandar uma resposta imunitária eficiente”, detalha Morrot, também pesquisador do Laboratório de Imunoparasitologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e professor da Faculdade de Medicina da UFRJ, à Agência Fiocruz de Notícias.

BARBARA GINDL / APA / AFP



Reação exagerada

Os cientistas identificaram outro mecanismo que pode estar

ligado ao estágio final de diferenciação celular. Em pacientes com covid-19 grave, os linfócitos T CD4 auxiliares liberam

altos níveis de substâncias inflamatórias no sangue, levando a um processo chamado hiperativação. “Tudo isso reforça a

Fenômeno gera uma imunodeficiência aguda e é identificado em pacientes com covid-19 grave

importância de terapias anti-inflamatórias, voltadas para controlar a resposta imune exagerada, que é uma vilã na covid-19”, enfatiza Morrot.

O cientista chama a atenção para o fato de o estudo contemplar a fase aguda da infecção pelo Sars-CoV-2. Por isso, não se pode apontar se haverá prejuízo para o sistema imunológico dos pacientes a longo prazo. “A covid-19 ainda é uma doença nova, e não sabemos como será a sua evolução. A literatura científica indica que células exauridas podem recuperar sua função. Já as células senescentes podem morrer e ser substituídas por células jovens. É possível que alguns meses após a doença, os pacientes não apresentem mais essas alterações, mas isso terá que ser acompanhado”, contextualiza.